



GOALBALL COMO PRÁTICA ESCOLAR NO MODELO DE ESCOLA INCLUSIVA

Charles Graziênio Batista Neves¹

Geórgia Maria Brandão²

Milena C. Aragão³

Eixo 11 – Educação e Inclusão Social

Resumo: Esta pesquisa insere-se nas discussões sobre a inclusão de pessoas com deficiência nas escolas e pautou-se na inserção do goalball nas aulas de Educação Física, investigando-o como prática escolar e como ponte para diminuir a distância entre as pessoas com deficiência visual e os videntes. O método utilizado foi de caráter descritivo e exploratório de natureza qualitativa. Foi aplicado um jogo de Goalball com crianças em uma escola particular de Aracaju/SE, acompanhado de entrevistas com os participantes e professores, a fim de verificar o que foi proposto. Como resultado observou-se um caminho aberto para os profissionais de educação física formularem suas aulas utilizando o goalball como ferramenta para a promoção de integração e a inclusão das pessoas com deficiência nas escolas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Educação Inclusiva; Goalball

Abstract: This research discusses the Inclusive Education and was based on the insertion of goalball in the Physical Education classes. It was investigated as a school practice and way to connect blind person to seeing person. The method used was descriptive and exploratory. Was applied a game of goalball with children who goes in private school in Aracaju/SE, and then was organized interviews with participants and professors in order to verify what was proposed. As a result, was observed that the goalball is a way open to professionals who teaches Physical Education use as a tool for the promotion the education of people with disabilities, but also promote a link between them a the seeing person.

Keywords: Physical Education; Inclusive Education; Goalball

INTRODUÇÃO

¹Graduado em Educação Física Licenciatura pela Faculdade Estácio de Sergipe. E-mail: Charles_enio@hotmail.com

² Profª Esp. do curso de Pedagogia pela Faculdade São Luís. E-mail: georgiajlvida@hotmail.com.

³ Mestre em Educação. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Participante do Grupo de Pesquisa: Intelectuais da Educação e Práticas Educativas. E-mail: mi.aragao@yahoo.com.br

No contexto escolar, a Educação Física insere-se pautada em dois princípios básicos de acordo com os PCN's (Brasil, 1998): o princípio da diversidade, legitimando a interface entre sujeitos aprendentes e conhecimento da cultura corporal, considerando as dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos educandos; e os princípios de inclusão, rechaçando tanto as distinções entre aptos e inaptos, quanto à valorização do desempenho e da eficiência. (NEIRA, 2009).

Nesta perspectiva, os alunos com deficiência precisam ser inseridos neste espaço, cabendo ao profissional de Educação Física “fazer adaptações, criar situações de modo a possibilitar a participação dos alunos especiais” (BRASIL, 1998, p.56).

Estas condições de enfrentamento para o nivelamento de enquadrar o especial no processo inclusivo estão salvaguardadas nas diretrizes básicas da educação inclusiva alicerçado na Constituição Federal. Esta assegurou a todas as crianças brasileiras o direito de “ser diferente”, instituindo como um dos princípios do ensino a igualdade de condições de acesso e permanência na escola (art.206,inciso I), ao eleger como fundamento da nova República, a cidadania e a dignidade da pessoa humana (art.1º, § II,III) e como um dos objetivos fundamentais a promoção do bem de todos sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (art. 3º, § IV) (BRASIL, 1988).

Contudo, existem profissionais de Educação Física não preparados para ministrar aulas capazes de incluir estes alunos, sejam em atividades esportivas, recreativas ou de lazer. Assim, os alunos com deficiência ficam excluídos ou ignorados sem uma oportunidade de participar das aulas ativamente. Falta de formação docente, problemas estruturais da escola e/ou a não aceitação dos colegas de classe nas atividades estão entre as barreiras e serem transpostas na inclusão da pessoa com deficiência nas aulas de educação física.

Uma das alternativas para lidar com esta realidade é o uso da Educação Física adaptada, definida como uma área da Educação Física que visa adequar metodologias, sejam esportivas, recreativas ou de lazer, capazes de atender a pessoa com deficiência, respeitando suas características e incluindo-as nas atividades. (PEDRINELLI, 1994).

Acredita-se que o Goalball, neste contexto - mesmo sendo um esporte criado exclusivamente para o deficiente visual e não adaptado para estes - pode ser uma alternativa capaz de proporcionar ao deficiente visual uma possibilidade de participação nas aulas de Educação Física, proporcionando, também, a interação deste com os videntes. Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como se daria a implantação do Goalball nas aulas de Educação Física, como prática escolar no modelo da escola inclusiva.

Como caminho metodológico, foi realizado um jogo entre videntes e deficientes visuais, estudantes do sexto ano do ensino fundamental de uma escola particular de Aracaju/Se. Após, foi composto um grupo de discussão entre pesquisadores e participantes, a fim de verificar suas percepções sobre a interação entre os videntes e cegos, bem como a importância da vivência do Goalball como ferramenta de inclusão nas aulas de Educação Física.

Parte-se da hipótese de que a prática esportiva através do Goalball é um meio para a interação entre os videntes e as pessoas com deficiência visuais, possibilitando promover a inclusão escolar, ao mesmo tempo em que auxilia os profissionais de Educação Física a desenvolver um olhar crítico sobre a inclusão educacional e social, quebrando barreiras e enfrentando os desafios deste processo.

1. A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: MOVIMENTOS HISTÓRICOS

A escola é um local onde se vive momentos da vida em um ambiente destinado ao aprendizado formal. A Educação Física Escolar atua neste contexto instituindo parâmetros de ensino e aprendizagem onde estimule o desenvolvimento físico, mental e motor dos educandos. (SOARES, 1996)

Com as mudanças da Legislação, desde o final da década de 1980, as dimensões do ser e conviver foram valorizadas como parte indispensável do processo educativo, fazendo com que a Educação Física ganhasse novos contornos e um olhar mais apurado para o desenvolvimento integral do sujeito, para além das ginásticas e esportes (SOARES, 1996).

Vale salientar que no século XIX, a educação física era instituída no modelo de métodos ginásticos, apresentando um sistema rígido e disciplinar bastante intenso. Com a criação do Sistema Nacional de Ensino, a disciplina Ginástica passa a ser conteúdo obrigatório na grade curricular da escola (SOARES, 1996).

A nomenclatura “Ginástica” permaneceu até o final do século XIX, onde foi substituída pelo termo Educação Física, que no âmbito científico vem sendo muito estudado, despertando o interesse de análises laboratoriais, da educação do gesto e os que mais predominam: os de natureza esportiva, unindo os conteúdos como treino e jogo, sendo divididas em três partes constitutivas voltadas para a fisiologia: a aeróbica, anaeróbica e os fundamentos básicos do jogo (SOARES, 1996).

Somente a partir da década de 70 do século XX, a Educação Física passa a vivenciar um momento inédito com a perda de sua especificidade. Com o surgimento da psicomotricidade

dentro da educação física, envolvido com o ensino escolar onde a preocupação maior é com o ato de aprender, o campo metodológico e linguístico diferencia fortemente dos anteriores métodos ao observar que a criança se desenvolve a partir do cognitivo, afetivo e psicomotor, preocupando-se, assim, com a formação integral da criança (SOARES, 1996).

Foi a partir da psicomotricidade que a educação física teve uma visão direcionada as pessoas também com deficiências. Contudo, inicialmente esses métodos não vieram para suprir tais problemáticas e sim aos de saúde “normal” e corpos visivelmente saudáveis, pois era o que interessava politicamente em uma nação em crescimento, onde se esperava muito das novas gerações. (FERREIRA, 2006)

Em se tratando de História, a Educação Física deu grandes passos rumo ao olhar do sujeito numa perspectiva integral. A partir da década de 1980 a educação física começa a interferir de modo benéfico na sociedade e em pessoas com necessidades especiais, com a possibilidade inclusive de mudar hábitos, pensamento e ideias e o respeito às capacidades individuais, morais e éticas (FERREIRA, 2006).

A educação física transita de um olhar higienista, tecnicista, com corpos e mentes moldados rigorosamente, para um caráter cooperativo, solidário e inclusivo, sendo possível visualizar as pessoas com deficiência como um indivíduo que pode ser incluído dentro de um ambiente com o mínimo que seja de sua capacidade de desenvolvimento na área que a psicomotricidade oferece.

Assim, a Educação Física passa a preocupa-se com a inclusão da pessoa com deficiência, como já acontece aos não deficientes, proporcionando melhores condições de vida, capacidade de pensar e agir de acordo com seus limites, bem como os superando. O profissional de educação física deve buscar as alternativas e possibilidades existentes que integre todos de maneira que não haja desigualdade ou preconceitos entre diferentes grupos sociais, como também é sua a responsabilidade de ser criativo e dinâmico, adaptando aquilo que já foi criado, tanto com os materiais como com as pessoas, afinal criar não é substituir e adaptar o criado é explorar mais o existente, tornando o professor sábio e criativo (FERREIRA, 2010).

2. EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Para uma melhor compreensão sobre a Educação Física Adaptada (EFA) se faz necessário inicialmente explicar a origem do termo EFA.

A expressão EFA, surgiu na década de 1950 e foi definida pela American Association for Health, Physical Education, Recreation and Dance (AAHPERD), como um programa diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos, e ritmos adequados a interesses, capacidades e limitações de estudantes com deficiência que não podem se engajar com participação irrestrita, segura e bem-sucedida em atividades vigorosas de um programa de educação física. (CHICON apud FERREIRA 2010, p.19)

Assim surgem instrumentos e atividades físicas adaptadas para o atendimento das pessoas que possuem alguma deficiência.

No Brasil, a disseminação da Educação Física adaptada é registrada em meados dos anos 80 do século XX, sendo praticada por pessoas com deficiências através de um conjunto de atividades diversificadas desenvolvimentistas como jogos, esportes e ritmos vinculados aos interesses, às capacidades e limitações dos alunos (WINNIK, 2004, s/p apud MELO e FREITAS, 2009).

Os mecanismos do desenvolvimento da educação física adaptada têm com função primordial: a de estabelecer a relação integradora. Segundo Leite (apud BRUM E FANDILA, 1983) diz que esta função proporciona a interação mente/corpo, envolvendo o educando em seu todo biopsicossocial. Para tal:

É preciso que o professor tenha os conhecimentos básicos relativos aos seus alunos como: tipo de deficiência, idade em que apareceu a deficiência, se foi repentina ou gradativa; se é transitória ou permanente; as funções e estruturas que estão prejudicadas, para que possa desempenhar bem o seu papel. Além disso, esse educador deve ser estudioso dos diferentes aspectos do desenvolvimento humano, entre os quais, aspectos biológicos (características físicas, sensoriais e neurológicas); aspectos cognitivos, motor, a interação social e afetivo-emocional. (LEITE, apud BRUM E FANDILA, 1983)

Nesse sentido, mesmo que o goalball seja um jogo criado para os deficientes visuais e essencialmente classificado como esporte coletivo, ele pode se comportar como um esporte adaptado para a relação cego – vidente, uma vez que se apresenta como mecanismo de desenvolvimento da educação física adaptada, por estabelecer em seu bojo uma relação integradora, capaz de ser utilizado como instrumento pedagógico.

Segundo (ALMEIDA, MUNSTER et. al, 2008), o goalball provoca uma mudança de atitude profissional, pois carrega consigo um rico arsenal para o desenvolvimento motor (e humano, enquanto proposta esportiva) também para pessoas que não são deficientes visuais.

3. O QUE É GOALBALL? ALGUNS ESCLARECIMENTOS

O Goalball é uma prática esportiva que surgiu logo após a segunda Guerra Mundial, em 1946 na Alemanha, desenvolvido por Hanz Lorenzer e Sett Reindle com o intuito de reabilitação de veteranos de guerra com deficiência visual (ALMEIDA et.al, 2008 apud IBSA, 2003). Esta modalidade começa a ser difundida apenas em 1972 nos jogos paraolímpicos como forma de exibição, e em 1976 já se integra no programa esportivo paraolímpico.

No Brasil, conforme Almeida (2008) existem duas versões sobre a chegada e o início dessa modalidade. A primeira versão diz que a modalidade foi trazida por Steven Dubner em 1985 e a outra versão que foi trazida pelo 1º professor cego de educação física Mário Sérgio Fontes em 1986, em viagem para estudo na Holanda. Lá ele conhece a prática esportiva e ao voltar ao Brasil traz a técnica e a primeira bola. Mas sabe-se que a sistematização desta modalidade em solo brasileiro tem o seu primeiro marco de fato apenas 1987, com a realização do 1º campeonato brasileiro de Goalball em Uberlândia. (CBDC, 2005, s/p apud ALMEIDA, 2008 et. al)

O Goalball consiste numa prática esportiva destinada para os deficientes visuais. A estrutura técnica do jogo apresenta-se com a presença de seis jogadores sendo três em cada lado; os mesmos deverão arremessar a bola e defendê-la. Para tanto o uso da audição é fundamental, pois é o único recurso utilizado para identificar a bola, que possui em seu interior guizos, produzindo o som. O jogo baseia-se na troca de bolas, através de arremessos rasteiros com o objetivo de fazer o gol no adversário. O lançamento da bola é feito só com as mãos, porém a defesa pode ser feita por qualquer parte do corpo, desde que o jogador esteja dentro de sua área limite. O espaço para este jogo é igual a da quadra de voleibol, porém com adaptações no solo para que possam reconhecer o espaço a ser jogado; demarcação essa, feita com barbante e fitas adesivas nas limitações da quadra assim como na área de jogo. A trave oficial mede 9m de comprimento por 1,30 de altura. (ALMEIDA, 2008)

Por mais que esse jogo seja especificamente para as pessoas com deficiência visual, o Goalball consiste em um interessante exercício perceptivo-motor. (ALMEIDA, 2008 et. al).

Esta prática pode permitir o desenvolvimento de outros sentidos como o tato, a audição; lateralidade, localização espacial. Esta modalidade de jogo beneficia os deficientes visuais, como também aos videntes, desde que ponha a venda nos olhos. Uma pessoa sem a deficiência poderá vivenciar o que o deficiente passa através do exercício de empatia e descobrir que eles também praticam esportes e superam as dificuldades encontradas por eles.

A prática do Goalball para os videntes traz uma percepção diferente: a compreensão de que as pessoas com deficiência visual podem praticar um esporte, desenvolvendo habilidades, conhecimentos e aprendizagens motoras durante as aulas de educação física.

Assim, se reconhece a importância da inclusão das pessoas com deficiência nas escolas, a partir da interação entre os dois “mundos”, sobretudo quebrando paradigmas e fazendo com que o professor de educação física estabeleça estratégias de ensino adaptando as suas metodologias para uma aplicabilidade mais humana e social (ALMEIDA, MUNSTER et. al, 2008).

4. METODOLOGIA: CAMINHOS PECORRIDOS

O trabalho ora apresentado trata-se de uma pesquisa de campo que enfoca uma comunidade escolar no modelo inclusivo, na área de estudo de Educação Física. A pesquisa foi descritivo-exploratória de natureza qualitativa.

O estudo foi realizado por dois estudantes de educação física da faculdade Estácio de Sergipe, em uma escola particular na cidade de Aracaju.

Para a realização da pesquisa, foram convidados os alunos do 6º ano do ensino fundamental II que contava com o número de 30 (trinta) participantes, e o (1) um aluno externo deficiente visual.

A organização desta pesquisa se originou da seguinte forma: no primeiro momento foi realizado uma explicação breve para o entendimento total da funcionalidade do jogo; sua história e mostrar qual seria o objetivo da pesquisa em questão.

A segunda fase se deu com a prática efetivamente, onde foram divididos os alunos em seis blocos com cinco videntes e um deficiente. Este último participou de todas as partidas. Desta forma, pode-se contemplar em 100% com participação dos pesquisados.

A terceira e última fase, caracterizou-se pelo levantamento de dados, através de entrevistas coletivas, com os professores e alunos da escola para verificar a importância da vivência do goalball como ferramenta de inclusão nas aulas de educação física.

Os nomes citados nos resultados deste trabalho são fictícios, preservando a identidade dos participantes.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo LAKATOS (1993), da grande família das técnicas de análise textual fazem parte a análise de conteúdo e a análise de discurso. Esses autores também argumentam que a análise textual se aproxima muito do que costumamos entender por abordagem qualitativa. Conforme o autor, esse tipo de abordagem se concentra nas análises de mensagens, da

linguagem, do discurso, ainda que seu “corpus” não seja necessariamente verbal, podendo se referir a outras representações simbólicas.

A presente pesquisa foi pautada nos pelos princípios da análise de conteúdo para proceder à interpretação das respostas obtidas neste estudo. Cumpre, pois, descrever e comentar em linhas gerais o que é e como se desenvolvem os procedimentos de uma análise conteudística aplicada à pesquisa qualitativa.

A escolha do Goalball como prática de uma atividade escolar foi a ferramenta de análise para perceber se esta prática poderá ser uma ação que promova a integração entre alunos com deficiência visual e os alunos ditos “normais”(videntes). Bem como verificar se esta modalidade poderá também ser uma prática escolar dentro das aulas de educação física.

A atividade foi realizada na quadra de esportes de um colégio particular, situado na cidade de Aracaju. Contou-se com a presença da turma do sexto ano do ensino fundamental e também com um aluno deficiente visual de outra unidade de ensino, que foi de fundamental importância para o desenvolvimento da atividade prática.

Vale ressaltar que esta turma especificamente possui uma aluna deficiente visual, que no momento não pôde comparecer por motivo de doença.

5.1 CAMINHOS PERCORRIDOS: A VIVÊNCIA DO GOALBALL

Inicialmente foi preparado todo o ambiente para receber os alunos, enquadrando o espaço nas regras existente para a execução do jogo. Logo após foi explanado como é jogado. Sob a grande euforia dos alunos, obteve-se 100% de aderência, motivo pelo qual houve adequação do tempo, para que todos pudessem vivenciar a prática do goalball. Com isso foi necessário dividir a turma em grupos para facilitar a dinâmica na aula.

Numa terceira etapa, a vivência foi socializada por alunos e professores de Educação Física que observavam a atividade. Abaixo serão expostos alguns comentários significativos que auxiliaram a refletir o goalball como caminho capaz de possibilitar a relação entre cegos e videntes, bem como de ser utilizado como prática escolar mesmo que somente para os videntes.

1. “Muito bom, legal. Achei difícil porque precisa treinar a audição”. (Natália-11 anos).
2. “Apesar de não enxergar, podemos jogar normalmente. Foi um jogo muito interessante. Pensei na minha amiga Mariana (aluna cega). Ela poderá brincar quando tiver esse jogo na aula de educação física” (Fernanda-12 anos).

3. “ei, ei foi muito massa! Gostei. Agora podemos brincar com Mariana (aluna cega), ela não vai ficar mais no canto. Esperando a gente terminar de jogar ela devia está aqui.”(Caio 11anos).
4. “A minha maior dificuldade foi escutar o barulho da bola. “A audição é fundamental.” (Vinícius-11 anos).
5. “Achei interessante”. O deficiente visual não tem vontade de brincar porque não tem esporte. “Achei interessante esse esporte para interagir com eles” (Estela- 11 anos).
6. “Penso que este esporte deveria ser colocado para os videntes” (Esther-11 anos).
7. “Tio quero falar: olhando assim o goaball é fácil .Três jogadores de um lado e do outro, mas poxa! quando jogamos fiquei mais cego. É muito difícil, mas legal, pensei que era fácil, era só me jogar no chão de um lado e do outro. Mas isso não é verdade, quando a gente tapa os olhos o escuro obriga a gente querer ouvir mais e tudo fica difícil. A concentração é muito importante. A bola é pesada, mas o mais importante é ouvir. E isso foi muito legal.” (Gustavo 11anos).

Diante do exposto, pode-se analisar que os alunos compreenderam e sentiram que é possível à interação e a inclusão durante as aulas de Educação Física. Todos estiveram participando ativamente sem se preocupar com as suas limitações, assim formando o espírito de equipe, fomentando uma relação integradora. Foi observado também nas falas dos alunos que a maior dificuldade encontrada durante o jogo foi saber ouvir.

A pesquisa também contemplou a visão dos professores sobre o goalball como uma prática esportiva nas aulas de Educação Física sob um olhar crítico:

1. “Não conhecia esta modalidade. O goalball. Achei o esporte muito interessante. Poderá ser incluído com certeza nas aulas de Educação Física [...] Durante o jogo pode perceber que as crianças pediam por silêncio, e isso reforça a ideia de que a audição é imprescindível na condução do jogo. (Profª Ane – Ed. Física/treinamento – 8 meses na escola).
2. “Muito importante a vivência. Uma experiência valiosa para as crianças quebrarem o preconceito. O que não vejo tantos problemas quando elas (crianças) estão juntas com outra criança especial. Temos aqui a Mariana. E eles a amam , e cuidam dela. Penso eu que o maior entrave somos nós adultos.” (Profª Patricia – Ed. Física/natação – 8 anos na escola)
3. “Fico pensando na Mariana ela adoraria está aqui. Agora sim vejo (até parece piada há, há ,há). A informação é imprescindível. Existe forma de se trabalhar com os deficientes visuais. Isto é inclusão. O problema que nós profissionais somos máquinas, as vezes nos tornamos insensíveis.” (Profª Patricia – Ed. Física/natação – 8 anos na escola).

4. “Foi um aprendizado, principalmente porque não fiquei apenas observando, senti na pele. E lhe digo. Foi uma sensação terrível, quase não saía do chão. A dificuldade de ouvir, de me concentrar, me fez repensar enquanto professora, o que eu posso e devo fazer para modificar minhas aulas. Eu tenho um aluno cego e como não sei o que fazer, eu sempre coloco ela no canto, e estimo a participação dela apenas para animar a turma, gritando, aplaudindo, vibrando... e penso que estou fazendo inclusão. Depois desta experiência, tudo muda na minha cabeça. É tanto que vou tentar aplicar com meus alunos daqui a pouco uma versão deste jogo. Enfim, achei 10 a iniciativa de vocês dois. Agora eu sei que tem um esporte pra cegos, vai ser uma mão na roda.” (Profª Ana Paula – Ed. Física/10 anos na escola).

5. “O dia de hoje me fez despertar para uma proposta de inserção de um projeto para o ano que vem trabalhar a sensibilização das pessoas em relação a inclusão. Gostei muito do que vi. As crianças interagindo no mundo dos diferentes literalmente. Fazemos sempre o contrário, incluindo o especial em vez do normal. Mariana que é nossa aluna dificilmente se enquadra em conjunto com os alunos normais, como vocês falam mesmo? “videntes”. Pois é, ela sempre está presente, mas interagindo como hoje eu nunca vi. Imagino se ela tivesse aqui como seria? Nas aulas, mesmo de educação física eu quando estava como professor de basquete eu fazia um treinamento sozinho com ela, mas nada técnico apenas intuitivo para não ver ela gritando. Fizemos alguns passes e quando ela um dia acertou a cesta, imagine você como foi a festa. Foi uma grande gritaria. Hoje eu pude ver a possibilidade de desenvolver uma atividade escolar em que ela participe ativamente. E com o goalball nasce uma possibilidade de incrementar as aulas de educação física. Seria um esporte adaptado, para os videntes e para Mari, acredito eu que ela sentiria muito feliz em ouvir, e sentir seus amiguinhos enfrentando o que ela vive diariamente. Parabéns. O Amadeus está sempre com as portas abertas. (Prof. Rogério, Coord. ED. Física da escola).

Nesta fase, foi verificado que todos os professores afirmaram não conhecer a prática do goalball, mas reconhecem que ela é sem dúvida uma ferramenta para se trabalhar nas aulas de educação física promovendo assim a inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados obtidos através da prática e entrevista coletiva com os alunos e professores chegou-se a conclusão de um resultado satisfatório no que tange a aplicabilidade do goalball nas aulas de Educação Física, podendo este ser um instrumento técnico metodológico para os professores usarem com o intuito de estabelecer estratégias de ensino

que provoque com criatividade o conhecimento através do método global visando o desenvolvimento motor, intelectual, social e afetivo dos alunos sejam eles deficientes ou não.

Neste sentido, entende-se que o processo de inclusão de deficientes na Educação Física não é simplesmente adaptar a disciplina para as pessoas com deficiências é, sobretudo, adotar uma perspectiva educacional cujos objetivos, conteúdos e métodos, valorizem a diversidade humana e que esteja comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Durante a prática do goalball, pôde ser percebido que esta atividade esportiva alavanca um processo interativo que quebra barreiras e desenvolve potencialidades.

Ficou evidente, que os alunos do sexto ano do colégio pesquisado não apresentaram nenhum tipo de rejeição quando foram colocados deficientes na atividade do goalball. A motivação e o entusiasmo foram os adjetivos prevalecidos em todo o dia, prova maior da credibilidade quando comprovada nas falas dos participantes que afirmavam que o jogo seria uma ação estimulante para eles jogarem com a sua colega de classe (Mariana), mesmo por que a maior dificuldade enfrentada por eles não foi a ausência da visão e sim como equalizar e potencializar um outro sentido: o da audição.

Provoca-se com essa pesquisa uma reflexão sobre a inclusão, não somente pelo deficiente, mas também daqueles sem a deficiência, num processo de inter-relação. Interessante notar que quem teve que se adaptar, neste caso, foi a minoria (o deficiente), mas sim a maioria. Fala-se dos videntes sendo adaptados à realidade das condições vividas por um deficiente visual em uma aula de Educação Física, fazendo-os sentir na pele.

Portanto, o desafio de tentar romper barreiras culturais, buscando alimentar a sociedade com propostas de ensino e pesquisa, quando apresenta-se de forma simples e ao mesmo tempo provocador a levá-los a fazer uma análise interior que possa despertar novos interesses e caminhos como este que proporcionou para os alunos videntes e professores que em uma modalidade esportiva inabitual à sociedade a oportunizou o estreitamento social, afetivo e cognitivo, entre os dois mundos: - os dos videntes e eficientes jogadores cegos do Goalball.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Júlio Gavião, MUNSTER. Mey de Abreu Van, et.al. **Goalball: invertendo o jogo da inclusão**; Campinas, SP; Autores Associados, 2008.

BRASIL; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física** – Brasília: Mec/ SEF, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo**. 16.ed. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.

Educação à Distância – EAD. **Caderno de Educação Especial**. Disponível em: www.portaleducacao.com.br. Acesso em: 17/11/11.

FERREIRA, Vanja. **Educação Física, Interdisciplinaridade, Aprendizagem e Inclusão**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

----- Vanja. **Educação Física Adaptada: atividades especiais**; Rio de Janeiro: Sprint, 2010.

JANNUZI, Gilberta de Martino. **A Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**; 2004 ; autores associados.

LAKATOS, EvaMari. MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**, São Paulo: atlas, 1993.

LEITE, Francinaldo Freitas. **Educação Física Adaptada em Saúde Mental**. Disponível em www.netsaber.com.br/artigos_sobre_educacaoofisica. Acesso em 11/11/11.

NEIRA, Marcos Garcia; UVINHA, Ricardo Ricci. **Cultura Corporal: diálogos entre educação física e lazer**. São Paulo: Vozes, 2009.

PEDRINELLI, V. J. **Educação Física Adaptada: conceituação e terminologia**. in: educação física e desporto para pessoas portadoras de deficiência. Brasília: MECSEDES, SESI-DN, 1994, p. 7-10.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física Escolar Conhecimento e Especificidade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**; 1996.